

**Reescrevendo a história sob uma perspectiva indígena: a desconstrução da figura do "desbravador" no oeste de Santa Catarina**

*Rewriting history from an indigenous perspective: the deconstruction of the "desbravador" figure in western Santa Catarina*

Jorge Alejandro Santos<sup>1</sup>

Fernanda Machado Dill<sup>2</sup>

Leonel Piovezana<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo problematiza a figura do Desbravador como símbolo da colonização da região oeste do Estado de Santa Catarina com o objetivo de desenvolver uma perspectiva da história e da atualidade da região que recupera e valoriza a presença de culturas e comunidades indígenas. A proposta utiliza elementos históricos, porém tem foco eminentemente filosófico, sustentado no arcabouço teórico formulado por Enrique Dussel. Adotando abordagem metodológica qualitativa, que utiliza como métodos principais as entrevistas e relatos de história oral, o texto inicia com uma exposição do referencial teórico, seguido de uma análise e desconstrução da imagem do Desbravador com base no conceito exposto. Posteriormente, faz uma exposição do processo de expulsão da população indígena da cidade de Chapecó e das ações graduais para apagar as marcas, nomes e lugares que se referiam à ocupação indígena da região. Finalmente, são expostas as reflexões acerca do trabalho realizado com estudantes indígenas e não indígenas sobre a história e a cultura dos povos que originalmente e até hoje ocupam a região. Essa experiência evidencia o potencial de ações educacionais como instrumentos de ressignificação simbólica e valorização da multiplicidade de vozes para a construção de relatos históricos.

**PALAVRAS CHAVE:** Desbravador; ocultação da cultura indígena; reconstrução histórica.

## ABSTRACT

This paper discusses the figure of the Desbravador as a symbol of the colonization of the western region in the State of Santa Catarina with the objective of developing a perspective of the history and the present day of the region that recovers and values the presence of indigenous cultures and communities. The proposal uses historical elements, but has an eminently philosophical focus, based on the theoretical framework formulated by Enrique

---

<sup>1</sup> Abogado, licenciado y doctor en filosofía (UBA). Investigador de la Universidad Nacional de Hurlingham. Profesor de la Universidad de Buenos Aires. Profesor Colaborador del PPGE de la Universidad Comunitaria de la Región Chapecó, Santa Catarina, Brasil. Es especialista en pensamiento latinoamericano, filosofía intercultural, educación intercultural y derechos indígenas. Desde 2018 trabaja como profesor en el Máster de Estudios Culturales Latinoamericanos en la Facultad de Filosofía y Letras (UBA).

<sup>2</sup> Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Barddal de Artes Aplicadas e graduação em Design de produto pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Mestrado e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em arquitetura e Urbanismo da UFSC.

<sup>3</sup> Possui graduação em História e Estudos Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Palmas (1984), especialização em História e Geografia pela UFSC. Doutorado em Desenvolvimento Regional pela UNISC e mestrado em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Atualmente é professor titular da Universidade Comunitária da região de Chapecó do Programas de Mestrado em Educação da Unochapecó.

Dussel. Adopting a qualitative methodological approach, which uses interviews and oral history reports as main methods, the text begins with an exposition of the theoretical framework, followed by an analysis and deconstruction of the Desbravador's image based on the exposed concept. Subsequently, an exhibition of the process of expelling the indigenous population from the city of Chapecó was done and of the gradual actions to erase the marks, names and places that referred to the indigenous occupation in the region. Finally, reflections on the work carried out with indigenous and non-indigenous students on the history and culture of the peoples that originally and until today occupy the region are exposed. This experience highlights the potential of educational actions as instruments for symbolic reframing and valuing the multiplicity of voices for the construction of historical reports.

**KEYWORDS:** Desbravador; concealment of indigenous culture; historical reconstruction.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo problematizar uma das figuras mais significativas e representativas da cultura atual da região oeste do Estado de Santa Catarina: o Desbravador. Essa pesquisa faz parte de um projeto mais amplo<sup>4</sup> focado em desenvolver uma perspectiva da história e da atualidade da região que recupera e valoriza a presença de culturas e comunidades indígenas.

O Desbravador é uma figura arquetípica do último estágio de colonização da região iniciado a pouco mais de um século, que se sobrepõe a outras etapas de avanço da colonização neste território. A região constitui uma área de influência das missões jesuítas, território disputado entre povos indígenas, bandeirantes de São Paulo e o exército brasileiro. Caracteriza-se ainda como objeto de disputa territorial, primeiro entre Brasil e Argentina e depois entre os estados do Paraná e Santa Catarina, além de ser um local de peregrinação para o monge "João Maria" durante a Guerra do Contestado.

A figura do Desbravador é importante pelo que representa, mas ainda mais pelo que oculta: a história da região e de seus antigos ocupantes antes do desenvolvimento agroindustrial. Este processo produziu um grande impacto ambiental e demográfico, relevante acúmulo de riquezas na região e agravamento das desigualdades, no entanto, é entendido como "progresso" ou "desenvolvimento". A ideia de "progresso" é objeto de questionamento deste estudo, pois o que é entendido como "desenvolvimento" para alguns grupos tem como contrapartida situações catastróficas para outros grupos culturais, como ocorre com as populações indígenas.

A abordagem proposta utiliza elementos históricos, porém tem um foco eminentemente filosófico sustentado no arcabouço teórico formulado por Enrique Dussel em "1942, el encubrimiento del Otro: Hacia el origen del 'mito de la Modernidad'" (DUSSEL, 1994). Neste trabalho, o autor sustenta que a modernidade europeia tem sua origem e motor no descobrimento e conquista da América, pois é o que permite que os reinos europeus passem de um local marginal no desenvolvimento civilizacional (localizado historicamente no eixo China-Índia) para serem colocados no centro dele. A "descoberta", a "modernidade" e o "progresso" impulsionado por esse fato têm como contrapartida o encobrimento, o genocídio e a catástrofe civilizatória para quem habitava este território (DUSSEL, 1994).

Com esse referencial teórico, são analisados processos recentes e atuais do oeste catarinense, nos quais essa dinâmica colonial continua se reproduzindo sobre os corpos e

---

<sup>4</sup> Esse projeto está inserido no programa de formação de professores indígenas da Universidade [Retirada para avaliação]: as Licenciaturas interculturais indígenas.

territórios em disputa, principalmente no que diz respeito às comunidades e territórios pertencentes ao Povo *Kaingang*. Acredita-se que a figura do “Desbravador” implica uma representação regional do processo de colonização, conquista e modernização apontado por Dussel que continua operando em muitas regiões da América Latina. Isto ocorre em territórios suscetíveis à extensão de fronteiras agrícolas e “civilizacionais” que têm como contrapartida a desapropriação territorial, identitária e catástrofe cultural para “o Outro”, identificado como “não civilizado”.

Este artigo busca, além da contribuição teórica de análise e desconstrução da imagem do Desbravador, um aporte prático no que tange o trabalho de formação de professores indígenas junto ao povo *Kaingang* do oeste catarinense. Desde 2009, a [Universidade]: oferece os cursos de Licenciaturas interculturais indígenas para formar professores nas próprias comunidades. A tarefa de formação inclui recuperar a língua, a cultura e a história das populações indígenas da região, uma história e cultura ocultadas por processos até então ditos “civilizatórios”. Entre outras ações, há um trabalho em desenvolvimento que consiste na produção de material audiovisual que relata essa outra história, sob outra perspectiva, com a participação ativa das vozes de estudantes e populações indígenas e sobre o qual o artigo inclui a avaliação de estudantes indígenas e não indígenas.

Para os fins estabelecidos, o texto começa com uma exposição do referencial teórico, seguida de uma análise e desconstrução da imagem do Desbravador tomando como base o referencial teórico exposto. Posteriormente aborda o processo de expulsão da população indígena da cidade de Chapecó e o processo gradual de apagar as marcas, nomes e lugares que se referiam à ocupação indígena da região. Por fim, realiza discussão e exposição do trabalho realizado com estudantes indígenas e não indígenas sobre a história e a cultura dos povos que originalmente e até hoje ocupam a região.

Para o desenvolvimento da pesquisa junto aos estudantes indígenas, foram utilizadas entrevistas como estratégia metodológica. Para avaliar os resultados da proposta de um relato histórico que levasse em consideração suas vozes, foram realizadas perguntas abertas sobre o trabalho desenvolvido e perguntas fechadas sobre questões específicas. As respostas foram avaliadas sob uma abordagem qualitativa, apropriada para contextos de educação intercultural, pois permite que perguntas sejam feitas e avaliadas através da interpretação de significados e sentidos inapropriados para quantificação (MINAYO et al., 2012).

## **1. MARCO TEÓRICO**

Atualmente, a imagem do Desbravador aparece como figura central da cidade e região de Chapecó, tanto em seu lugar simbólico na cultura histórica quanto na centralidade dos símbolos urbanos. Guisolphi (2010) aponta que a entronização dessa figura, simbólica e fisicamente, ocorre no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX. O autor destaca que foi um símbolo do processo de modernização e do que foi visto como “progresso”: crescimento urbano e econômico, instalação de agroindústrias e consequente expansão do comércio e serviços locais. A entronização da estátua de Desbravador foi uma homenagem ao sujeito étnico a quem o milagre econômico foi atribuído. Esse movimento simbólico que torna um sujeito visível e oculta outros (os “bravos”, selvagens ou que precisam ser “desbravados”) pode ser entendido como a continuidade em escala regional do grande movimento simbólico-territorial que significou, nas palavras de Dussel, a colonização do território americano. Este arcabouço teórico formulado pelo pensador argentino, é a chave para a interpretação ou hermenêutica da figura do Desbravador e do processo que ele representa.

O ano de 1492, é a data do “nascimento” da modernidade (DUSSEL, 1994); embora sua gestação tenha levado um tempo anterior. A modernidade se originou em cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas “nasceu” quando a Europa foi capaz de confrontar-se com o “Outro” e controlá-lo, vencê-lo, violá-lo; assim poderia ser definido como um “ego” descobridor, conquistador, colonizador da alteridade constitutiva da própria modernidade. De qualquer forma, este Outro não foi “des-coberto” como Outro, mas “en-coberto” como “O Mesmo”, o território americano e seus habitantes originais serviram para projetar o imaginário europeu, seus desejos e necessidades, os Outros nunca foram vistos em si mesmos. Então, 1492 é o momento do “nascimento” da Modernidade como conceito, o momento concreto da “origem” de um “mito” de violência sacrificial muito particular e, ao mesmo tempo, um processo de “en-cobrimento” de culturas não europeias.

Dussel considera importante incluir a Espanha (e depois Portugal) no processo original da modernidade, pois, no final do século XV, era a única potência europeia com capacidade de “conquista” territorial externa (e provara isso na “reconquista” de Granada), porque assim a América Latina também redescobre seu “lugar” na história da modernidade: a primeira “periferia” da Europa moderna. Posteriormente, as novas potências europeias emergentes, Inglaterra e França, são responsáveis por ocultar essa “primeira modernidade” ibérica, em outro movimento de ocultação semelhante ao anteriormente descrito. As potências vencedoras encobrem os vencidos e os assimilam aos bárbaros ou não civilizados, pois identificam essas “ex-potências” como primitivas ou bárbaras - Espanha e Portugal.

Dussel (1994) insiste em que fomos a primeira "periferia" da Europa moderna; isto é, sofremos globalmente desde nossa origem um processo constitutivo de "modernização" (embora essa palavra não fosse usada na época) que seria aplicado posteriormente na África e na Ásia. Esse processo de modernização é o que continuamos sofrendo cada vez que a chamada "fronteira agrícola" é estendida e que pretendemos analisar regionalmente na figura do Desbravador.

Hernán Cortés é o arquétipo do desbravador ou do civilizador, que na conquista do México foi o primeiro europeu a se estabelecer como "Senhor do mundo", como "Vontade do poder". Isso permite uma nova definição de modernidade, que nos mostrará seu "conceito" positivo e emancipatório, mas também seu aspecto oculto: o "mito" vitimizador e destrutivo de um europeísmo fundamentado em uma "falácia eurocêntrica" e "desenvolvimentista": Essa falácia é uma posição ontológica na qual se pensa que o "desenvolvimento" que a Europa seguiu deve ser seguido unilinearmente por todas as outras sociedades. Toda cultura deve "modernizar-se" para progredir, ou seja, seguir um processo que geralmente envolve a destruição total de povos e culturas; o eurocentrismo e a falácia do desenvolvimento são duas versões da mesma ideia.

Na tese de Dussel, o "descobrimento" de territórios e povos, em seu fundamento ontológico, não é um "descobrimento" do novo, mas simplesmente o reconhecimento de uma questão ou poder em que o europeu começa a "inventar" à sua própria "imagem e semelhança". A América não é descoberta como algo que resiste de maneira diferente, como o Outro, mas como matéria à qual são projetados "os Mesmos", o europeu, o progresso, a modernidade e o desenvolvimento. Não é então a "aparição do Outro", mas a "projeção do Mesmo": "encobrimento". A própria palavra "índios", usada para nomear genericamente os povos nativos americanos, mostra esse encobrimento. Nessa confusão emerge a projeção do olhar europeu que ainda persiste diante da experiência avassaladora de uma nomenclatura errada, que unifica através do pré-conceito, uma diversidade de línguas, povos e culturas igual ou mais vasta e diversa do que existe na Europa.

A colonização avança sobre os territórios, mas também sobre os corpos dos habitantes originários da América. Da violenta dominação do corpo da mulher indígena nasce o mestiço ou caboclo e o homem indígena é explorado principalmente para o trabalho. A corporalidade indígena será imolada e transformada primeiro em ouro e prata, depois em produção agrícola e industrial. Na região oeste de Santa Catarina, a figura do "bugre", do "agregado" nas produções agrícolas e a atual força de trabalho indígena nos imensos agronegócios da agroindústria mostram a continuidade desse processo até a contemporaneidade.

O quadro conceitual descrito nos permite entender a ideia de modernidade e progresso como um aspecto luminoso que oculta sua face colonial, eurocêntrica, monocultural, violenta, exclusiva e exploradora.

## **2. A FIGURA DO DESBRAVADOR E SUA ENTRONIZAÇÃO COMO EIXO PARA UMA INTERPRETAÇÃO ELITISTA E ETNOCÊNTRICA DA HISTÓRIA DO OESTE CATARINENSE: “TERRA DOS DESBRAVADORES”**

Para esta seção, toma-se Guisolphi (2010) como fonte principal, que realiza um estudo detalhado da construção e colocação do monumento ao “Desbravador” em um lugar central da cidade de Chapecó com a intenção de colocar simbolicamente esse sujeito histórico como protagonista quase exclusivo da história da região.

O autor catarinense ressalta que as dificuldades decorrentes do difícil processo de ocupação do território, sentida pelos colonos de origem europeia que chegaram do Rio Grande do Sul deixaram de ser generalizadas na década de 1970. Isso indica um primeiro encobrimento não relacionado com a população indígena, mas com a história camponesa, proletária e muitas vezes extremamente sacrificada dos próprios agricultores ou grupos subalternos de origem europeia.

Houve um processo de acúmulo vinculado ao agronegócio, comércio e serviços locais cujos beneficiários formaram o que o pesquisador chama de "elite local emergente". Esse grupo interveio nas áreas política, econômica, esportiva, cultural e religiosa e em aspectos importantes da comunidade. Neste período a diocese de Chapecó assume o bispo Don José Gomes, adepto da Teologia da Libertação e da opção pelos pobres que estimula e organiza o surgimento de movimentos sociais e populares na região. Essa liderança, encoraja o movimento de agricultores sem-terra, a organização dos povos indígenas em sua reivindicação pelo território, as ligas das mulheres camponesas e a organização dos afetados por barragens.

Há uma clara disputa política entre esses setores que resulta em uma disputa simbólica sobre diferentes visões da história e sobre os atores que nela são visíveis. Nesse contexto, ocorre a entronização da estátua de Desbravador no centro urbano e seu simbolismo.

A iniciativa de construir a estátua foi do Lions Clube local, que reuniu famílias de elite da região. Segundo Guisolphi, o Informativo Oeste afirma em 1977:

[...] os leões oestinos puderam demonstrar a predestinação histórica dessa região do Estado de Santa Catarina, preservada no tempo e no espaço físico territorial como que para dar ao Brasil e ao mundo o maior exemplo de integração social e econômica, uma vez que sua colonização, a partir do zero absoluto e de tempo relativamente recente, exhibe, hoje, ao lado de uma miscigenação evoluindo para eclética, uma formação patrimonial eminentemente segura e sólida, porque repousa

em bases patriarcais e uma fonte produtora agropecuária muito eficiente (GUISOLPHI, 2010, p. 261).

A intenção de designar a chegada do colonizador como "tempo zero absoluto" da história é evidente. Esta versão destaca os três eixos que a figura da estátua representa: colonização, desenvolvimento econômico e cultura patriarcal. É notório que a população indígena da região não encontra lugar nesta história, a não ser como parte da própria natureza a "desbravar", colonizar, explorar e desenvolver. Da mesma forma, os movimentos sociais de agricultores, pobres e mulheres camponesas também são silenciados nesse relato.

A construção do monumento é uma estratégia para consolidar a ação leonina e elitista no oeste catarinense. O objetivo explícito da estátua era prestar homenagem à figura das famílias dos "desbravadores", simbolicamente associados à elite emergente, que julgam ter criado toda a realidade da região, a partir do zero absoluto.

Finalmente, o local escolhido para erguer o monumento também é muito significativo conforme ilustra a Figura 1. Está localizado no epicentro urbano, o ponto da cidade onde as ruas convergem nos edifícios dos principais órgãos públicos e da Catedral. A inserção da estátua como cultura material e como símbolo central no espaço urbano de Chapecó, com grande visibilidade, tornou-se decisiva para a imposição de uma visão histórica excludente e construída artificialmente.

**Figura 1: O Desbravador no centro urbano de Chapecó**



**Fonte: Elaboração própria**

Para ilustrar sua posição simbólica, cabe compará-la com a homenagem-monumento ao bispo Dom José Gomes (conforme Figura 1). O pequeno monumento é pouco visível e não ocupa o espaço público, mas fica na esplanada da catedral. Os aspectos contraditórios da obra do Desbravador se acentuam nessa comparação, na medida em que o este é um personagem, uma construção ficcional, enquanto o bispo é um personagem histórico real e concreto, cuja dimensão social é assegurada pela projeção social de sua obra.

O processo simbólico que tende a estabelecer o Desbravador como uma imagem heroica do colonizador europeu e como um sujeito quase exclusivo na história da região, se contrapõe à presença física de corpos indígenas e de suas comunidades. Os *Kaingang* consideram o território que compreende a cidade de Chapecó como uma terra tradicional; antes e durante o processo de sua fundação, ocuparam o centro da cidade e outros espaços significativos. A resistência silenciosa e invisível em suas terras tradicionais durou até 2001, quando a última comunidade indígena foi transferida do centro da cidade para novas terras não tradicionais.

### **2.1. Marcas espaciais da dominação e tentativas de invisibilização dos indígenas na cidade**

A população indígena *Kaingang*, habita o espaço que compreende atualmente o município de Chapecó, desde antes da configuração formal da cidade. As relações construídas historicamente entre indígenas e não indígenas são marcadas por contínuos processos de dominação e ações do Estado e dos ditos “desbravadores” do oeste na direção da exterminação dos povos indígenas e da invisibilização de sua permanência na cidade.

No entanto, tanto a ocupação dessas terras pelos indígenas quanto os esforços para apagar essa história deixaram profundas marcas nesse território, que permanecem vivas até hoje na memória dos anciãos *Kaingang*. Essas marcas estão registradas em relatos históricos de jornais da época da emancipação e continuam presentes no espaço urbano do município, mesmo que camufladas em meio ao véu perigoso do “progresso”. Ao tomar como base tais relatos dos anciãos indígenas e a análise da paisagem urbana do centro da cidade, é possível descortinar uma cidade escondida, que guarda marcos históricos que ajudam a compreensão acerca da história desse lugar. Para mapear e ilustrar tais lugares foi elaborado o mapa da figura 1, através do qual é possível identificar os lugares simbólicos para os *Kaingang* na área central da cidade.

**Figura 2: Lugares simbólicos Kaingang no centro de Chapecó**



As análises estão focadas no centro da cidade, com uma pequena ampliação para o bairro Palmital, haja vista a concentração de elementos identitários indígenas nesse território. Foram identificados os seguintes lugares: 1) A área da Praça Coronel Bertaso, Igreja Matriz e Estátua do Desbravador; 2) O calçadão da Rua Benjamin Constant, por onde passa o rio Passo dos índios, atualmente canalizado; 3) Lang Palace Hotel, local onde situa-se o primeiro cemitério *Kaingang*; 4) Antigo assentamento *Kaingang* no Bairro Palmital e 5) A Arena Condá, antigo Estádio Regional Índio Condá. Cabe destacar que a sequência dos lugares proposta no mapa foi definida em função da relação de cada lugar com o contexto histórico apontado das análises que seguem.

O lugar onde atualmente está localizada a Praça Coronel Bertaso, a Igreja Matriz e a estátua do desbravador, de acordo com os relatos de anciãos indígenas, configura o local do primeiro grande acampamento *Kaingang*. O desenho em bico de pena de Chiarello (Figura 3), mostra em primeiro plano a figura de um casal de índios no Lajeado Passo dos Índios, e o pinheiral ao fundo afirmando o centro da cidade de Chapecó em 1922, como a Terra dos avós *Kaingang*. Este lugar que representava segurança e lar para os indígenas, atualmente é um dos principais lugares de afirmação da colonização e na dominação. A começar pelo nome da praça, que recebe o nome de um coronel, passando pelas inúmeras cenas de discriminação observadas cotidianamente quando os indígenas tentam vender seu artesanato e finalizando com a própria relação do grupo com a Igreja católica.



Entre as décadas de 1970, 80 e 90, os povos indígenas da região tinham na igreja católica, uma importante aliado em seus processos de luta, principalmente graças à presença de Dom José Gomes, mas atualmente, com o aumento das igrejas evangélicas na aldeias, a igreja católica tem menos representatividade entre os indígenas, fazendo com que a catedral, não seja mais um lugar de identificação desse povo. Mesmo assim, os indígenas se fazem presentes principalmente através das atividades de venda do artesanato e das diversas manifestações culturais na praça em datas comemorativas ou em momentos de luta e resistência na reivindicação de seus direitos. Tais ações ocorrem sob o contínuo julgamento da sociedade chapecoense, validado pelo olhar sempre presente da figura do Desbravador, tornando os povos indígenas estrangeiros na própria terra.

O segundo lugar destacado é o Rio Passo dos índios, ilustrado tanto na figura 03 quanto na figura 02, que foi canalizado como consequência do processo de urbanização liderado pelos coronéis da época. Além do negativo impacto ambiental, a invisibilização do rio ganha um caráter simbólico da tentativa de apagar mais uma das marcas da ocupação indígena na cidade, pois o rio representava para os *Kaingang*, a garantia da água e a possibilidade da pesca, fundamentais para a subsistência das comunidades. Ainda sobre a paisagem da cidade, vale destacar que a vegetação predominante de araucárias, configurava importante fonte de alimentação tradicional dos indígenas, mas, assim como o Rio, foi extinta para ceder lugar às companhias madeireiras cujos interesses estavam vinculados aos ideais de “progresso”.

Registros encontrados das narrativas do Jornalista Selistre de Campos (2004), revelam que logo após a emancipação política do município de Chapecó, intensificou-se o processo de perseguição aos índios. O SPI (Serviço de Proteção aos Índios) passou a se caracterizar como Serviço de Perseguição aos Índios, como critica o jornal: “[...], mas fiquem certos: isso não será impunemente, [...] será com o nosso protesto, pela imprensa e por todos os meios que estejam em nosso alcance. Essa prebenda é uma espoliação aos pobres índios e um assalto ao Patrimônio da Nação.” (CAMPOS, 2004, p. 67). A partir daí, os indígenas, ficaram à mercê dos desmandos do governo e da justiça não indígena e cada vez mais foram desapropriados de suas terras, obrigados a “civilizar-se”, isto é, adaptar-se à sociedade colonizadora envolvente.

Como decorrência dessa tentativa forçada de assimilação, os indígenas sofreram com doenças que não conheciam, processo esse que exterminou parte da população *Kaingang* na época, (CAMPOS, 2004). Nesse contexto, além da perda de suas terras e de muitos de seus integrantes, a comunidade *Kaingang* sofreu com processos violentos de repressão, tanto da fala de sua língua materna, quanto da prática de suas crenças. Assim, o território onde se

localizava o cemitério *Kaingang* foi loteado para servir à urbanização (03- Figura 01), tanto é que hoje, abriga um dos mais importantes hotéis da cidade.

Em um curto período de tempo o território indígena, que inicialmente era de 123.000 hectares, com a "traição do SPI" e interesses individuais, reduziu-se a apenas 23.000 hectares de terra, e na sequência, com a modernização da cidade, reduzir-se-ia ainda mais (CAMPOS, 2004).

Em meados do século XX com o processo de construção da cidade, os indígenas, continuaram sendo desrespeitados e expropriados de suas terras. Segundo o Relatório das Famílias *Kaingang* residentes em Chapecó, elaborado em 1998, a cidade abrigava uma vasta população indígena, constituída por dois grupos principais distintos: o primeiro, composto pelas famílias que residiam em bairros da cidade adaptados a nova cultura imposta na época e tornaram-se quase invisíveis. O segundo grupo, mais extenso, era composto pelas famílias que resistiam e estabeleciam uma relação de parentesco baseada na preservação da cultura, e constituíam as aldeias na cidade. Esses, eram visíveis e provocavam reações mais variadas da população urbana, acionando todos os preconceitos acumulados contra os índios, constituindo-os como um problema social (TOMMASINO et al.,1998).

Essa população representava um total estimado de 64 famílias e 212 pessoas, distribuídos ao longo de três concentrações principais: bairro São Pedro (06 famílias), bairro Tiago (04 famílias) e Bairro Palmital, que daria origem a atual Aldeia Kondá com um total de 54 famílias (TOMMASINO et al., 1998). Os mapas abaixo (Figura 4) mostram a localização das áreas de concentração das famílias *Kaingang* na cidade de Chapecó no ano de 1998, bem como a organização da Aldeia Kondá no bairro Palmital.

**Figura 4: Localização dos assentamentos indígenas na cidade de Chapecó e organização das moradias no**



Fonte: Adaptado de TOMMASINO et al., 1998.

Na concentração localizada no bairro Palmital, as famílias viviam em condições extremamente precárias, sem acesso a saneamento básico, saúde e educação. Mesmo assim, permaneciam no local, falando a língua materna e produzindo o artesanato, cuja matéria prima só era conseguida após percorrerem longas distâncias, na área rural do município. Acredita-se que uma das principais razões que motivou a permanência dessas famílias na região, apesar das condições apresentadas, foi a constatação e lembrança viva que ali também viveram seus antepassados. A relação com a ancestralidade indígena vinculada a um território específico é fator recorrente no estudo, uma vez que para os *Kaingang* as concepções e relações de parentesco são centrais e a própria noção de território tradicional também seria um lugar onde tal premissa se expressa.

Os *Kaingang* descreviam a cidade de Chapecó, como sua terra tradicional, onde caçavam, coletavam, e também onde enterravam seus mortos (TOMMASINO, 1999). O preconceito sofrido na cidade e o não reconhecimento do território indígena pela sociedade chapecoense acirraram as lutas pela conquista da terra. Esse processo de resistência, segundo antigos moradores da aldeia Kondá, aproximou os indígenas, intensificou o uso da língua *Kaingang* e contribuiu para a afirmação da identidade cultural da aldeia. Em 1998, iniciou-se o processo de Eleição da área para os indígenas *Kaingang* da aldeia Kondá, a partir da pesquisa etno-histórica, a fim de demonstrar a identidade étnica e cultural desse grupo.

O fato de retirar os indígenas da cidade e realoca-los a mais de vinte quilômetros de distância de sua terra tradicional, apesar de parecer uma ação no sentido da garantia de melhores condições de vida para a comunidade, representa outra ação no Estado para a invisibilização dos *Kaingang* no território urbano.

Por fim, o último lugar identificado é a Arena Condá, sede da Associação Chapecoense de Futebol. Em um primeiro momento, cabem questionamentos acerca do nome do estádio, e da forma como a figura do indígena é tratada nesse contexto esportivo. Antes da reforma para a ampliação da estrutura, inaugurada em 2009, o Estádio denominava-se Índio Condá, deixando clara a origem do homenageado. Atualmente a denominação é apenas Arena Condá, que além, de suprimir o “índio”, mantém a grafia com “C”, mesmo a comunidade *Kaingang* afirmando que de acordo com a sua língua e denominação deve ser escrito com “K” – Kondá.

Tal homenagem é tida como uma referência ao Cacique Vitorino Kondá, uma liderança indígena. Historiadores apontam outra versão sobre seu papel nos avanços e nas investidas dos colonizadores na região. Com a Lei de Terras, instaurada em 1850, a invasão de não indígenas aos campos *Kaingang* se intensificou e tornou-se mais agressiva. Este processo ocasionou a mudança de posição de algumas lideranças indígenas que negociavam a retirada de grupos indígenas para a entrada de migrantes de descendência europeia em troca de pagamentos e benefícios individuais. É o caso do Cacique Kondá, que dá nome à Arena, e até este momento era peça fundamental para a permanência dos não indígenas, resultado de sua ascendência sobre diversos grupos *Kaingang* (D’ANGELIS, 1989).

Finalmente, questiona-se a presença do indígena caricato como mascote do time de futebol. Essa prática distancia a percepção de que estes sujeitos estão presentes no cotidiano na cidade, percebe-se a intensão de “descolar” a imagem do time de futebol, cercada de alegrias e do espetáculo que o esporte proporciona, dos indígenas *Kaingang* chapecoenses.

## 2.2. Desconstrução da figura do Desbravador

A exposição dos fatos históricos e a verificação empírica no espaço urbano da cidade de Chapecó, estrutura a formulação de uma crítica desconstrutiva da figura do Desbravador com base no referencial teórico proposto.

Percebe-se que a análise de Dussel sobre o descobrimento-encobrimento, colonização e desenvolvimento do que hoje chamamos de América Latina, tem profunda relação com a análise do processo de colonização e ocupação territorial na região de Chapecó. O que o autor argentino descreve em escala continental pode ser visto em seus detalhes no caso levantado em escala regional. Vale destacar que esse processo ainda está operando em territórios e corpos, não apenas na região de Chapecó, mas em inúmeras regiões da América do Sul, onde existem processos de expansão da fronteira agrícola, como Mato Grosso e Amazônia no Brasil ou no grande Chaco argentino e paraguaio.

Essa prática é caracterizada pela ocupação física e simbólica de um território, o colonizador se institui como protagonista de uma história na qual ele é o único sujeito ativo, quando o Outro, o território, as comunidades e os corpos indígenas são descobertos, encobertos e colocados ao seu serviço. Eles não são descobertos em sua diferença, particularidade e valor, na diversidade cultural, em sua riqueza ou em humanidade, mas são descobertos - encobertos como espaço de projeção do desejo de conquista e exploração do sujeito colonizador.

A figura do Desbravador é uma versão regional atualizada de Cortés, o conquistador, o civilizador, aquele que expande os valores ocidentais, o promotor do desenvolvimento e da modernidade na região, entendido como uma implementação violenta da visão cultural eurocêntrica. Isso implica a substituição da população e cultura existentes por um modo de vida monocultural e igualmente eurocêntrico. O Desbravador “desbrava”, isto é, civiliza, moderniza, traz progresso, europeíza uma região anteriormente habitada por povos com diferentes formas de ocupar o território e reproduzir a vida nele.

A elite local entronizou-se como o único sujeito com direitos, a única protagonista da história regional, entronizando com ela a figura do Desbravador. Nesse processo, encobrem e ocultam a outra história, a história daqueles vistos como "bravos", "selvagens", "não civilizados", os oculta e os sujeitam à sua dominação. A população indígena tem de abandonar sua língua e cultura para se adaptar ao novo modo de vida nas condições mais precárias, com corpos a serem economicamente explorados, como única alternativa para evitar seu extermínio.

A entronização de um sujeito étnico é acompanhada pela tentativa de apagar a presença e as marcas da civilização e cultura anteriores ao “momento zero”, processo este que se evidencia nas políticas de desenvolvimento urbano da cidade de Chapecó. Em poucas gerações a população *Kaingang* passou de ocupar um espaço restrito no centro da cidade para finalmente ser expulsa em 2001, quando a última comunidade tradicional foi retirada da área urbana.

No entanto, há um movimento de resistência silencioso e subterrâneo, os indígenas retornam invisíveis à cidade para vender artesanato, visitar seus antigos territórios e reivindicar seus direitos. A sociedade age, majoritariamente, como se fossem efetivamente invisíveis, como se não existissem, fantasmas de outras épocas que nem aparecem em seu relato histórico, seres precários que mais cedo ou mais tarde desaparecerão. Para confirmar sua visão tendenciosa, segregadora e excludente, a cidade é sistematicamente responsável por apagar as marcas da recente presença desses povos no território da cidade e na região.

No entanto, através das licenciaturas interculturais indígenas, é possível trabalhar em um processo de construção histórica inversa. Sabe-se que não é possível voltar no tempo e talvez nem seja desejável. Por outro lado, é possível discutir a visão hegemônica da cultura e da história da região, contribuir para que as vozes ocultas e silenciadas sejam ouvidas, reivindicar os direitos territoriais e culturais das populações indígenas da região e transformar a percepção da sociedade que ainda os vê como "bravos", "selvagens", "atrasados" ou "não civilizados".

### **3. REESCREVER A HISTÓRIA A PARTIR DA LICENCIATURA INDÍGENA INTERCULTURAL**

No âmbito das licenciaturas interculturais indígenas, existem inúmeros projetos para recuperar a história da região a partir das vozes da população indígena. O projeto "Registro de História Oral Kaingang da Aldeia Kondá", é um exemplo, desenvolvido em colaboração entre pesquisadores e professores da [Retirado para avaliação], da [Retirado para avaliação] e da Universidade de [Retirado para avaliação] do Reino Unido. Essas iniciativas visam construir representações positivas da população indígena, nas quais aparecem seus próprios testemunhos, sua cultura, seus valores, sua língua, sua própria versão da história. Um relato histórico que revela o que está oculto e negado pela figura do Desbravador e pela narrativa que a sustenta. Isso serve para que as comunidades da região tenham uma representação positiva de si mesmas, de sua presença na região e de sua história, além de um substancial conteúdo pedagógico para a educação no interior das comunidades indígenas. E não apenas

para as comunidades, mas como um instrumento e uma representação positiva para mostrar a população não indígena da região que, na maioria das vezes, conhece apenas a narrativa imposta pela elite local.

O suporte para esse conteúdo é diverso, foram produzidos artigos e outros textos, além de um trabalho audiovisual, considerando que o conhecimento, testemunhos e relatos históricos do povo *Kaingang* estão associados a uma cultura de tradição oral, na qual a palavra falada é a principal maneira de transmitir conhecimento. O apoio audiovisual é facilmente implementado em diferentes níveis educacionais, funcionando como recurso na formação de professores indígenas e, também como um conteúdo que professores formados podem usar em suas aulas no ensino médio ou nos níveis de ensino básico ou inicial.

Existem diversos registros de filmes com os quais se tem trabalhando, tendo testemunhos de anciãos, líderes, ativistas da causa indígena, professores e não indígenas comprometidos com ela. Com os primeiros registros, foi desenvolvido um curta-metragem documental, disponível on-line em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zywe92bDCrQ&t=68s>. Uma espécie de primeiro ensaio ou teste piloto, a fim de tornar o trabalho conhecido e testá-lo com a contribuição dos alunos dos cursos de Licenciaturas interculturais.

O documentário foi exibido para estudantes indígenas das Licenciaturas interculturais de diferentes áreas (pedagogia, ciências biológicas, linguagem e literatura) e para estudantes não indígenas de Unochapecó de diversas disciplinas de aula comum que têm carreiras universitárias relacionadas à Responsabilidade socioambiental. Após a exibição do curta-metragem, foi realizada uma pesquisa com os alunos que assistiram ao filme, indígenas e não indígenas, para descobrir sua opinião sobre o trabalho. Os resultados permitiram a elaboração de uma análise qualitativa das respostas que leva às conclusões apresentadas a seguir.

### **3.1 Estudantes indígenas e não indígenas diante de uma nova versão da história regional**

A pesquisa contou com vinte e três estudantes indígenas, entre os quais destacam-se entre as respostas a demanda pela presença de membros de comunidades indígenas falando ativamente sobre sua realidade e história. Seguem alguns trechos dos relatos que exemplificam as respostas da pergunta "O que você mais gostou no filme?":

- *O documentário é interessante justamente porque inclui a opinião dos indígenas.*
- *Entrevistas com líderes, professores e parentes.*
- *Professores indígenas falando sobre a luta que aconteceu, bem como as (atuais) lutas com seu povo*

- *Em minha opinião, o que mais gostei no filme foi uma entrevista em que um estudante universitário (indígena) disse que está estudando para ser um professor para levar mais ideias e conhecimentos para a sua escola.*
- *Gostei muito das partes em que os povos indígenas apresentam suas danças, sua cultura, que deve ser muito mais exibida, divulgada para que nossa cultura seja mais conhecida, sem medo, sem preconceitos por parte dos não indígenas, porque como foi dito nós somos pessoas (Relatos da entrevista de diversos alunos, 2019).*

As respostas às perguntas abertas coincidem com as respostas para a seguinte pergunta fechada: Você acha que é importante produzir filmes como este sobre o povo Kaingang? O total de entrevistados respondeu afirmativamente. Interpretando essa resposta à luz das anteriores, pode-se concluir que há uma necessidade e desejo da população indígena de aparecer representada no relato histórico da região, uma necessidade de "descobrir" ou "revelar" sua presença ancestral no território a partir de suas próprias vozes. Uma presença encoberta ferrenhamente pela história do "Desbravador" que coloca o tempo "zero" do relato histórico na (recente) chegada do colonizador. Na mesma linha, outro aspecto positivo que os alunos destacaram sobre o curta-metragem foi a existência de uma história com representação centrada em seus relatos de resistência e resiliência como povos indígenas:

- *Gostei muito da parte que diz que, apesar da escravidão e do sofrimento, os povos indígenas resistiram e ainda resistem apesar de tudo e das represálias (que ainda sofrem).*
- *Gostei quando eles falaram que nós (o povo Kaingang) existimos há mais de três mil anos, que nossa cultura já estava no Brasil (antes de ser fundado).*
- *Gostei da parte das danças e das marcas Kamé e Kairú, e na parte em que os indígenas pedem respeito e compreensão, não querem ser discriminados, querem ser bem tratados.*
- *Gostei da parte em que as dificuldades e os desafios colocados pelos representantes indígenas foram claramente apresentados no filme (Relatos da entrevista de diversos alunos, 2019).*

Os alunos também foram questionados sobre os aspectos que eles não gostaram no documentário. Em geral as respostas foram direcionadas não ao próprio documentário, mas à história de discriminação e perseguição que o filme expõe. A interpretação desses relatos leva ao entendimento que tais processos constituem uma experiência traumática que ainda é persistente, pois ainda precisam enfrentar diariamente seu relacionamento com a sociedade não indígena:

- *Não gostei da parte em que os brancos tratam os indígenas como escravos e não respeitam sua cultura, tomam as terras dos indígenas e da invasão.*
- *Não gostei da parte que fala que os Kaingang eram caçados por brancos.*
- *Não gostei da parte em que se conta a história de que nosso povo indígena foi caçado e escravizado, mas isso era uma realidade para o povo Kaingang (Relatos da entrevista de diversos alunos, 2019).*

No entanto, conhecer alguns detalhes sobre as injustiças sofridas por seu povo também foi considerado importante, além do sentimento de desgosto e injustiça persistentes:

*-A parte em que o professor Leonel relatou sobre a escravidão, onde os indígenas que se recusaram a trabalhar eram mortos na época e suas orelhas eram levadas a São Paulo para comprovar o assassinato. Foi uma parte importante para mim, porque eu não sabia sobre essa parte da minha história. (Relato da entrevista de um aluno indígena, 2019).*

Os aspectos mencionados são considerados os mais relevantes das entrevistas, destacando a importância de construir uma história regional que se contraponha à visão hegemônica representada pelo mito do “Desbravador”. É necessário dar lugar as vozes, a história e a cultura das principais vítimas do processo de colonização e “desenvolvimento”: a população indígena da região.

O curta-metragem também foi exibido para estudantes universitários não indígenas da região que cursavam a disciplina de Responsabilidade Socioambiental, comum a todas as carreiras da Unochapecó. No final da exposição, também foi solicitada uma breve entrevista para sua opinião, da qual participaram dezenove estudantes. A seguir, é realizada uma análise qualitativa de suas respostas, as quais, embora não possam ser extrapoladas diretamente para todo o universo de alunos, apresentam alguns dados interessantes que merecem ser avaliados.

O primeiro dado significativo é que, diante da pergunta fechada “Você conhecia a história da população indígena *Kaingang* que o documentário mostra?” Dos dezenove respondentes, apenas dois responderam afirmativamente e um respondeu “parcialmente”, o restante respondeu que não conhecia a história dos povos indígenas da região. Isso é compatível com o que foi afirmado anteriormente sobre a invisibilidade e encobrimento da presença indígena na região, a maioria dos estudantes não conhecem a história e a presença dos povos indígenas da região. Vale destacar que o universo da amostra contempla uma população com acesso à educação, por isso não há como argumentar que existe falta de informação, mas justamente precisa ser questionada a qualidade da informação que disponível: o relato histórico hegemônico que se tornou senso comum.

Outra conclusão possível é que a invisibilidade da população indígena ocorre mesmo diante de evidências físicas de sua presença: os indígenas podem ser vistos vendendo artesanato em barracas ou vagando diariamente pela cidade. Sua presença física é diária e concreta, de modo que a invisibilidade é claramente ideológica. O relato histórico eurocêntrico e colonial denunciado por Dussel e incorporado na região pela figura do Desbravador torna a população indígena ideologicamente invisível.

Um aspecto positivo a destacar é que, apesar de não conhecerem a história da população indígena, estes estudantes estão dispostos a ouvi-la, quando perguntados: "Que aspecto você gostou do filme?" A resposta geral foi: a presença do testemunho de membros das comunidades indígenas. Aqui estão alguns exemplos:

*-Gostei que o povo indígena desse seu ponto de vista, sua opinião sobre sua própria cultura.*

*-Gostei do fato de a voz indígena ser levada em consideração.*

*-Gostei da intenção de refletir o lado indígena e mostrar a realidade dessas pessoas.*

*- Sua própria cultura e que devemos respeitar a deles também (Relato da entrevista diversos alunos não indígenas, 2019).*

Praticamente todos os entrevistados mostraram disposição para ouvir a versão da história na voz dos indígenas, de certa forma a geração “neta” dos desbravadores está aberta a ouvir a voz das vítimas da colonização. Os alunos entrevistados foram sensibilizados quanto ao assunto, pois era o objetivo da matéria que estavam cursando, o que certamente influenciou suas opiniões. Isso mostra que é possível trabalhar no nível educacional para mudar a percepção negativa, preconceituosa e geralmente racista sobre a população Kaingang da região.

Finalmente, alguns alunos também se sentiram afetados pelo filme, pois a população de origem europeia da qual eles são descendentes, aparece como vitimadora, o que pode ser chocante para esses jovens, então alguns, embora tenham expressado opiniões positivas em relação ao curta metragem, também fizeram algumas críticas: *“Acho que deveria ser apresentado de uma maneira mais leve, foi um pouco pesado por ter apresentado apenas o lado ruim (da história)” (Relato da entrevista aluno não indígenas, 2019).*

Esses dados também são relevantes, porque, embora os alunos demonstrem vontade de ouvir, a ideia não é atribuir culpa ou responsabilidade pelo que foi feito nas gerações anteriores. A aposta aqui é mudar a percepção atual da população indígena para eliminar o máximo possível a discriminação e o preconceito, para que seus direitos sejam reconhecidos e os danos causados sejam reparados. Não se busca uma vingança histórica, mas um reparo da situação atual de total adiamento e o consequente reconhecimento dos direitos da população indígena.

Embora a experiência seja limitada e seja o primeiro material audiovisual produzido pelo grupo, os resultados são positivos tanto em relação à representação, empoderamento e conscientização dos estudantes indígenas, quanto em relação à conscientização e receptividade por parte dos estudantes não indígenas da região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estátua do Desbravador e a narrativa que a sustenta e representa pode ser vista como uma versão local e atualizada do que Dussel chama de mito da modernidade, fundado na conquista da América. A entronização de um sujeito étnico europeu que representa a origem ou momento zero da história do território a colonizar e conquistar, abre espaço também para o descobrimento-encobrimento do Outro, dos indígenas, dos colonizados ou desbravados. Descobrimento porque o colonizador, seja o Desbravador ou qualquer outra versão de Cortés, se descobre como "senhor do mundo", como conquistador e novo dono de um território que "não era nada" até sua chegada. E encobrimento, porque esse mito esconde o que existia e existe no território: povos, culturas, pessoas. Mas também oculta o mito sacrificial e violento da desapropriação desses povos, da submissão de corpos e territórios aos desejos e necessidades do colonizador, de sua transformação mercantil em ouro e prata primeiro e em produtos agroindustriais posteriormente.

Assim, é cumprido o objetivo de mostrar a outra face da "modernidade" e do "progresso": sua face violenta e colonizadora para os povos e pessoas que são identificadas como natureza brava e selvagem. Para as populações indígenas, o progresso e a modernização são equivalentes a uma catástrofe civilizatória, com impulso "devastador" ainda vigente na região agindo para que as marcas que lembram e indicam a presença ancestral indígena sejam intencionalmente apagadas das cidades e territórios.

Outra questão que emerge é a possibilidade de contar outra versão da história, levando em consideração as vítimas desse processo, e demonstrando que a educação intercultural e o trabalho com alunos e professores indígenas é um caminho adequado para isso.

Os estudantes das licenciaturas interculturais da [retirado para avaliação], têm orgulho de ser representados nas palavras de seus colegas, acham que é reparador e necessário. Complementarmente, muitos jovens não indígenas também estão dispostos a ouvir essas vozes silenciadas e esta nova versão da história da região. Assim, é necessário que essas novas possibilidades aconteçam, uma vez que a intenção dessa nova história que se quer articular não se impõe a outra, não tem como objetivo silenciar outra versão para se estabelecer-se como única e hegemônica. Seguindo os indígenas zapatistas mexicanos, a ideia não é construir um mundo que tenha uma só voz e um só relato, a ideia é construir um mundo onde muitos mundos se encaixem.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, S. de **A voz de Chapecó: Artigo de Antonio Selistre de Campos - 1939-1952.** Centro de Memória do Oeste Catarinense (org). Chapecó: Argos. 2004.

D'ANGELIS, W. Para uma História dos índios do Oeste Catarinense. In: **Cadernos do Centro de Organização e Memória Sócio-Cultural do Oeste Catarinense - CEOM**, Ano 4, n.6. 1989.

DUSSEL, Enrique. **1492: el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad.** La Paz: Plural Editores, 1994.

GUISOLPHI, Anderson J. A construção da estátua “o Desbravador”: materialidade ideológica. In: **Cadernos do CEOM**, v. 24, n. 33, p. 257-275, 2010.

MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F.; GOMES. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TOMMASINO, K. et al. **Relatório I: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá.** Chapecó: FUNAI. 1998.

TOMMASINO, K. et al. **Relatório II: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá.** Chapecó: FUNAI. 1999.